

Nós, Vós, Elas: relato de experiência acerca da presença feminina nos estádios de futebol masculino¹

Isabela Ramos de Castro FARIAS²
Cecília ALMEIDA³

Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE

RESUMO

A presença feminina nos estádios de futebol durante os jogos de futebol masculino sempre trouxe grandes debates, desde pensamentos sobre o objetivo desta presença sendo questionado a finalidade de tal participação, até questionamentos sobre o conhecimento por parte de mulher sobre um esporte tido, por um longo período, como “esporte masculino”. O presente artigo traz um relato sobre o trabalho de conclusão de curso “Nós, Vós Elas: um podcast sobre a presença feminina no futebol masculino”, que em dois episódios trouxe a perspectiva de uma árbitra, uma repórter, três torcedoras e uma professora de estudos de gênero, acerca de questionamentos e lutas femininas por este espaço.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação; Futebol; Podcast; Assédio.

INTRODUÇÃO

Quando falamos de futebol, o Brasil é, ainda hoje, conhecido popularmente como o país do esporte, o que é repassado pelas gerações de forma natural para os meninos, porém, nem sempre agregado à educação das meninas. Os jogos de futebol são percebidos como “um dos grandes fenômenos socioculturais na contemporaneidade” (JANUÁRIO, 2019, p. 15), e desde o início da presença feminina nos estádios esportivos vemos o intuito machista, pois a mulher é/era vista como exemplos de beleza e não valorizadas por seu conhecimento sobre o esporte. Vemos isso ao entendermos que o termo conhecido hoje por “torcedora”, seja uma consequência do ato feminino de torcer luvas enquanto assistiam a lances decisivos, quando as moças da

¹ Trabalho apresentado no IJ07 - Comunicação, Espaço e Cidadania, da Intercom Júnior – XVIII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Bacharel no curso de Comunicação Social Rádio, Tv e Internet da UFPE, e-mail: isabelarcfarias@gmail.com

³ Professora do departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), e-mail cecilia.lima@ufpe.br

alta sociedade iam aos estádio e eram vistas como exemplos de graciosidade e feminilidade.

Ainda sobre esta presença nas arquibancadas, quando trazemos para os dias atuais, uma pesquisa encomendada pela Comissão de Comunicação e Marketing da FPF, feita pelo Ibope Repucom aponta que “12% do público que frequentou estádios de futebol no ano de 2019 foram de mulheres” (NASCIMENTO, ARAÚJO, 2016). E, apesar da presença da mulher ser visivelmente maior nas arquibancadas, dentro das quatro linhas do campo os desafios enfrentados pela arbitragem feminina são ainda maiores.

Os relatos históricos sobre a arbitragem feminina no futebol são imprecisos, mas acredita-se que a primeira árbitra tenha sido Léa Campos, nascida em Minas Gerais “em um tempo em que as mulheres eram proibidas por lei de praticarem esportes incompatíveis com as condições de sua natureza” (MELO, 2015, informação eletrônica). Apesar das dificuldades, em 1971 ela recebeu o diploma de árbitra pela Confederação Brasileira de Desportos e ganhou o “apito de ouro” pela FIFA (Federação Internacional de Futebol), tornando-se referência por quebrar barreiras e lutar pelos direitos das mulheres. Atualmente no Brasil, através do cadastro disponível no site da CBF (Confederação Brasileira de Futebol), temos 297 árbitros centrais cadastrados, destes, apenas 31 são mulheres, e trazendo para a realidade regional, no Nordeste encontramos apenas oito mulheres cadastradas.

Essa baixa nos números da arbitragem e o aumento de casos de violências contra a mulher são resultados de uma cultura machista que, como dito no início deste artigo, via a presença da mulher nos estádios de forma sexualizada, mesmo que não de forma explícita, pois esses ambientes eram considerados como lugar masculino.

Associar um determinado ambiente como masculino ou impróprio para as mulheres são claros mecanismos de disciplina e de controle sobre os corpos e vozes femininas (JANUÁRIO, 2019, p. 35).

Com relação aos cursos superiores, que dariam a mulher a oportunidade de uma dignidade maior também profissionalmente, foi possível encontrar a resistência masculina e com isso a entrada delas acabou sendo de forma tardia, incluindo assim a presença delas no jornalismo também foi depois de muito tempo.

Devido ao acesso tardio aos cursos superiores, somente na Era Vargas (1930-1945), e em busca cada vez mais de reconhecimento profissional, as mulheres ganharam espaço em 12 profissões que não

exigiam nível superior na época, entre elas, o jornalismo. (SANTOS, 2012, p. 11).

Apesar da primeira vitória ter permitido a vivência feminina neste aspecto, foi apenas em 1986 que Regiani Ritter, jornalista e atriz brasileira, conseguiu adentrar no “território masculino” para realizar uma cobertura de futebol, nos jogos da Copa do Mundo na Itália, sendo assim considerada a pioneira neste âmbito. Apesar dos grandes avanços e do aumento da presença feminina nas coberturas esportivas, a mulher jornalista continua precisando lutar contra seus agressores físicos, psicológicos e/ou morais. Percebemos isto ao observarmos o aumento dos casos de mulheres que denunciam algum tipo de assédio e/ou violência que tenha sofrido dentro ou fora dos campos.

Do ponto de vista jornalístico, segundo dados de uma pesquisa realizada pela Abraji (Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo), e pela Gênero e Número em parceria com o Google News Lab em 2018, das 477 profissionais questionadas, cerca de

86% das mulheres entrevistadas já vivenciaram algum tipo de discriminação de gênero no trabalho a oportunidades de crescimento profissional, distribuição de tarefas ou definição de salários (OLIVEIRA, 2018).

“Nós, Vós Elas: um podcast sobre a presença feminina no futebol masculino”, surgiu de uma vivência particular durante a final da Sul Americana (uma competição continental de clubes de futebol da América do Sul, organizada pela Confederação Sul-Americana de Futebol desde 2002), entre Atlético Paranaense e Junior Barranquilla, da Colômbia, quando em um lance de impedimento fui acuada por homens que não concordavam com minha posição e somente após outros homens se posicionarem de forma parecida, eles aceitaram os argumentos que eu já tinha exposto.

O projeto foi realizado em formato de podcast, arquivo digital de áudio distribuído em diversas plataformas online, com o objetivo de discutir até quando as mulheres serão questionadas, ofendidas e/ou agredidas em seu ambiente de trabalho e/ou lazer por qualquer motivo que seja. Tendo como questionamentos principais: Quais outras dificuldades precisam ser enfrentadas pelo público feminino? Quais superações já tivemos? É possível torcer, arbitrar ou cobrir um jogo de futebol masculino sendo mulher? Para que fosse possível construir um produto que pudesse gerar um debate social e assim agregar na luta feminina por espaços.

O presente artigo busca realizar um relato de experiência acerca desta produção, que resultou na construção de dois episódios, utilizando quatro entrevistas e produção técnica individual, dispondo de meios técnicos próprios devido sua realização ter acontecido ainda durante o isolamento social vivido durante a pandemia do Covid-19.

Lugar masculino x empoderamento feminino

Ao observarmos uma multidão reunida vibrando pelo resultado positivo de seu time, é preciso compreender que, como produtor de marcas culturais (JANUÁRIO, 2019), o futebol é responsável por moldar de certa forma o comportamento de uma sociedade.

Para além dessa relação emotiva, entendo o futebol como um fenômeno sociocultural que ensina e legitima comportamentos, valores, modos de ser e de estar no mundo (JANUÁRIO, 2019, p. 16).

Sendo assim, mesmo em um espaço majoritariamente masculino, o futebol, como qualquer outro segmento social, constrói e reflete hábitos sociais.

É notório que o universo do futebol caracteriza-se por ser, desde sua origem, um espaço eminentemente masculino; como esse espaço não é apenas esportivo, mas também sociocultural, os valores nele embutidos e dele derivados estabelecem limites que, embora nem sempre tão claros, devem ser observados para a perfeita manutenção da ‘ordem’, ou da ‘lógica’, que se atribui ao jogo e que nele se espera ver confirmada (FRANZINI, 2005).

Em oposição às atitudes discriminatórias, mulheres se uniram para combater o machismo, e passaram a assumir esses espaços tidos como masculinos. Com isso tornou-se mais forte o empoderamento feminino, que compreendemos por ser “O processo pelo qual indivíduos, organizações e comunidades angariam recursos que lhes permitam ter voz, visibilidade, influência e capacidade de ação e decisão” (ANJOS; RAMOS; JORAS; GOELLNER; apud HOROCHOVSKI; MEIRELLES).

A presença cada vez maior da mulher nos estádios em partidas jogadas por homens, seja como árbitra central, repórter ou torcedora, trouxe para a superfície esses debates que agora podem ter um direcionamento melhor frente à sociedade, a fim de que seja cessado os diversos tipos de discriminação, assédio e/ou violência.

O empoderamento feminino rompe com a barreira da discriminação.
O empoderamento acontece quando a mulher refaz sua identidade de

gênero, negando a subordinação que sofre pela sociedade (SCHIMANSKI, 2019).

Trazendo assim para a sociedade, a discussão acerca desses temas para que, através do exemplo do empoderamento feminino a sociedade possa valorizar e incentivar a presença da mulher junto a seu time, ou realizando a sua respectiva profissão.

Nós, Vós, Elas - O podcast⁴

Como vimos anteriormente neste artigo, por tradição, ao falarmos em futebol estamos nos direcionando a um espaço que é considerado um espaço com mais homens do que mulheres. Na mídia tradicional, a grande maioria dos meios de comunicação abordam o futebol por esta ótica, e para que pudesse alcançar o maior número de nichos possíveis, o formato escolhido para este projeto foi o podcast, que com o avanço tecnológico permitiu outras possibilidades de comunicação.

Os avanços provenientes das tecnologias digitais proporcionaram às rádios criarem suas versões online. Por meio de sites, aplicativos e formatos de “web rádio”, as quais realizam a transmissão via internet, em tempo real, ou ao disponibilizar os programas na nuvem, para serem ouvidos posteriormente. Diante disso, não apenas o formato radiofônico, mas também as demais formas de comunicação, precisaram se adaptar às novas lógicas de produção e de circulação. (PAZ, 2021. Revista Arco)

Visto que sua criação tem por objetivo deixar o ouvinte a vontade para acessar o conteúdo disposto a qualquer hora do dia, por ser divulgado em plataformas digitais, possui o potencial de alcançar nichos de interesses específicos, o que permite que chegue a um número maior de pessoas a fim de debater assuntos importantes que visam a melhoria e a conquista de espaços na sociedade. No caso deste podcast, buscamos debater o espaço da mulher dentro e fora dos campos de futebol durante os jogos da equipe masculina.

Com o intuito de dar espaço a tantas mulheres que são assediadas, violentadas, interrogadas e tantas outras vertentes que a desmerecem como torcedora, repórter e árbitra central, o podcast trouxe a representação dessas mulheres para debater sobre os desafios e superações, para mostrar a importância da presença da mulher no futebol

⁴ Para acessar: <https://open.spotify.com/show/4xw06AIy5L4Av5TARikowk?si=7VUjzD7SSTapxiTrOE0LzQ>

masculino, para isso foi realizado uma entrevista com seis mulheres para ter um breve diagnóstico do viver como mulher no campo. Sendo necessário a divisão da seguinte forma: o primeiro episódio, fala sobre a pesquisa das relações de gênero no futebol, tendo como entrevistada a professora Soraya Barreto (Doutora em comunicação pela Universidade Nova de Lisboa, Portugal. E autora do livro *Mulheres em campo: o ethos da torcedora pernambucana*) e a vivência das torcedoras, com a participação da Fernanda Rocha (torcedora do Clube Náutico Capibaribe), Gabrielle Luana Alves (torcedora do Sport Clube do Recife) e Beatriz Venceslau (torcedora do Santa Cruz Futebol Clube), que fazem parte das torcidas dos principais times da Região Metropolitana do Recife.

O segundo episódio contou com a participação de Georgia Kyrillos (repórter esportiva por cerca de 20 anos na Rede Globo Nordeste) e a árbitra assistente Priscilla Fernandes, que fala sobre as vivências como repórter e árbitra. Dividindo assim, o primeiro voltado para as arquibancadas e o segundo para o trabalho com futebol.

Para construção do projeto foi necessário passar por três fases, a primeira sendo a pré-produção, que contou com a escolha do tema, das entrevistadas e do tom que seria levado adiante. Na segunda fase, deu-se a produção, onde foi possível realizar as entrevistas, que aconteceu de forma remota devido ao isolamento social imposto por segurança durante a pandemia do Covid-19, aqui tendo alguns problemas técnicos devido a falta dos equipamentos corretos para captação e gravação do áudio.

Na terceira fase, ocorreu a edição de ambos episódios, inserção da trilha de abertura e finalização, bem como os trâmites para divulgação através do Spotify, um serviço de streaming. Além da elaboração da capa do podcast que trouxe elementos de luta e união.



Anexo 1 - capa do podcast

Considerações finais

O artigo trouxe o relato de experiência da produção de áudio do “Nós, Vós Elas: um podcast sobre a presença feminina no futebol masculino”, valorizando e incentivando o debate acerca do empoderamento feminino, frente às lutas por um espaço dentro e fora dos estádio de futebol, trazendo a segurança necessária para que mais mulheres possam estar presente e acompanhar este esporte que tanto agrega a nossa sociedade brasileira.

Antes e depois da construção do projeto, prevaleceu a ética, por exemplo através da seriedade na pesquisa realizada previamente sobre as convidadas, a fim de respeitar seus limites e evitar questões que pudessem ser possíveis gatilhos, bem como no quesito de estar ciente das notícias recentes sobre o mundo do futebol, seja por jornais tradicionais ou pelas redes sociais.

Por fim, os episódios continuam disponíveis nas plataformas disponibilizadas pela Anchor, e segue com o propósito de trazer a presença feminina de forma massiva para dentro dos estádios de futebol, realizando a função que ela assim escolher, alertando a sociedade como um todo sobre a importância de incentivar esta presença.

REFERÊNCIAS

ANJOS, Luiza Aguiar dos; RAMOS, Suellen dos Santos; JORAS, Pamela Siqueira; GOELLNER, Silvana Vilodre. **Guerreiras Project: futebol e empoderamento de mulheres**. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/8shcQYnCjtZTFXmP3pbZRNng/?lang=pt&format=pdf> Acesso em: 19 de Agosto de 2021.

AZEVEDO, Victoria. Se você vai mal, todo mundo vai dizer que mulher não é capaz, diz 1ª árbitra escalada para o Mundial da Fifa. **Folha de São Paulo**. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2021/01/se-voce-vai-mal-todo-mundo-vai-dizer-que-mulher-nao-e-capaz-diz-1a-arbitra-escalada-para-o-mundial-da-fifa.shtml?origin=folha> Acesso em: 05 de Agosto de 2021.

CAMPANHA, incentiva mulheres a irem aos estádios para os jogos de futebol. **Jornal Nacional**. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2020/01/22/campanha-incentiva-mulheres-a-iram-aos-estadios-para-os-jogos-de-futebol.ghtml> Acesso em: 06 de Agosto de 2021.

CBF, Assessoria. **Rodada do Pernambucano conta com número recorde de mulheres na arbitragem.** 2021. Disponível em:
<https://www.cbf.com.br/a-cbf/informes/fala-federacao/rodada-do-pernambucano-Conta-com-numero-recorde-de-mulheres-na-arbitragem> Acesso em: 23 de Julho de 2021

COSTA, Guilherme. Brasileira é a primeira mulher a apitar um jogo masculino de basquete: "Abrir espaço". **Globo Esporte.** 2021. Disponível em:
<https://ge.globo.com/olimpiadas/noticia/brasileira-e-a-primeira-mulher-a-apitar-um-jogo-masculino-de-basquete-abrir-espaco-para-outras.ghtml> Acesso em: 29 de Julho de 2021.

COSTA, Leda Maria da. Marias-chuteiras x torcedoras “autênticas”: identidade feminina e futebol. In: XII Encontro Regional de História ANPUH-RJ, 2006. **Anais**
<https://comunicacaoesporte.files.wordpress.com/2017/02/torcedorasleda-maria-da-costa.pdf>
Acesso em: 23 de Julho de 2021.

DAHLBERG, Linda L; KRUG, Etienne G. Violência: um problema global de saúde pública. In: OMS, Organização Mundial da Saúde. **Relatório mundial sobre violência e saúde.** 2006. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/csc/a/jGnr6ZsLtwkhvdkrdfhpcdw/?format=pdf&lang=pt#:~:text=Defini%C3%A7%C3%A3o%20de%20viol%C3%AGencia%20text=A%20Organiza%C3%A7%C3%A3o%20Mundial%20da%20Sa%C3%BAde,psicol%C3%B3gico%20%20desenvolvimento%20prejudicado%20ou%20priva%C3%A7%C3%A3o> Acesso em: 05 de Agosto de 2021.

ECOTEN, Márcia Cristina Furtado; CORSETTI, Berenice. **A mulher no espaço do futebol: um estudo a partir de memórias de mulheres.** 2010. Disponível em:
http://www.fg2010.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1277985619_ARQUIVO_A_MULHERNOESPACODOFUTEBOL_FAZENDOGENERO.pdf Acesso em: 23 de Julho de 2021

FRANZINI, Fábio. **Futebol é “coisa para macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol.** 2005. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/rbh/a/nTrFPPWwPkMTKPMmBmtRwCc/?lang=pt&format=pdf>
Acesso em: 19 de Agosto de 2021

GEBHARDT, Jéssica Beatriz Backer; NEGRINI, Michele; NUNES, Christian Dias. **A mulher no telejornalismo esportivo: ponderações sobre o programa Globo Esporte São Paulo.** 2019. Disponível em:
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-54432019000200008
Acesso em: 24 de Julho de 2021.

JANUÁRIO, Soraya Barreto. **A representação feminina na mídia esportiva: o caso Fernanda Colombo.** 2016. Disponível em:
https://www.academia.edu/23061822/A_representa%C3%A7%C3%A3o_feminina_na_m%C3%ADdia_esportiva_o_caso_Fernanda_Colombo_Womens_representation_in_the_sports_media_case_Fernanda_Colombo Acesso em: 29 de Julho de 2021

JANUÁRIO, Soraya Barreto. **Mulheres no campo: o ethos da torcedora pernambucana.** 1 ed. São Paulo: Fontenele Publicações, 2019.

MELLO, Jéssica. Histórias Incríveis: Léa Campos supera ditadura, detenção e a CBD pelo apito. **Globo Esporte.** 2015. Disponível em:
<http://ge.globo.com/futebol/noticia/2015/03/historias-incriveis-lea-campos-supera-ditadura-detencao-e-cbd-pelo-apito.html> Acesso em: 24 de Julho de 2021.

MEMORIA - Flu. **Dia Internacional da Mulher: Fluminense explica origem da expressão "torcedor"**. 2021. Disponível em:
<https://www.fluminense.com.br/noticia/dia-internacional-da-mulher-fluminense-explica-origem-da-expressao-torcedor> Acesso em: 19 de Julho de 2022.

MONTEIRO, Chagas Igor; NOVAIS, Mariana Cristina Borges; SOARES, João Paulo Fernandes; MOURÃO, Ludmila. **Mulheres de preto: trajetórias na arbitragem do futebol profissional.** 2020. Disponível em:
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2020e72680/44002> Acesso em: 23 de Julho de 2021.

MORAES, Carolina Farias; BONFIM, Aira Fernandes. **Mulher no Futebol - no campo e nas arquibancadas.** 2016. Disponível em:
https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/enlacando/2017/TRABALHO_EV072_MD1_SA18_ID1399_07082017191501.pdf Acesso em: 23 de Julho de 2021

NASCIMENTO, Vanessa Egla Rocha do; ARAÚJO, Adrillayne dos Reis. **Violências sofridas pelas mulheres torcedoras de arquibancada.** 2019. Disponível em:
<file:///C:/Users/felip/Downloads/11313-Article-190788-1-10-20210426.pdf> Acesso em: 24 de Julho de 2021.

OLIVEIRA, Rafael. **Discutir o assédio nas redações é essencial para a liberdade de expressão, diz consultora da pesquisa “Mulheres no Jornalismo Brasileiro”.** 2018. Disponível em:
<https://www.abraji.org.br/noticias/discutir-o-assedio-nas-redacoes-e-essencial-para-a-liberdade-de-expressao-diz-consultora-da-pesquisa-mulheres-no-jornalismo-brasileiro> Acesso em: 29 de Julho de 2021.

PAZ, Eduarda. A importância do podcast para produzir e divulgar conteúdos. **Revista Arco**. 2021. Disponível em: <https://www.ufsm.br/midias/arco/podcast/> Acesso em: 30 de Novembro de 2021.

SANTOS, Vanessa de Araújo. **As bolas da vez: A invasão das mulheres no jornalismo esportivo televisivo brasileiro**. **Repositório TCC**. 2012. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/235/7254> Acesso em: 19 de Julho de 2022.

SCHIMANSKI, Edina. **Gênero, futebol e esportes: a sororidade como componente necessário para o empoderamento feminino**. 2019. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/sociais/article/view/13782/209209211331> Acesso em: 19 de Agosto de 2021.